

Sarney diz que o poder civil está consolidado

O poder civil democrático já está consolidado. A afirmação foi feita ontem a tarde pelo presidente José Sarney, durante uma entrevista concedida a quatro jornalistas credenciados junto a Presidência e que foram sorteados para conversarem com ele. Sarney disse ainda que está feliz pelos novos indicadores da situação econômica brasileira, que está se recuperando, inclusive com o aumento real da oferta de empregos.

O presidente conversou sobre temas polêmicos. O caso Baumgarten e a reabertura do inquérito do Riocentro, por exemplo, são assuntos que estão "entregues à Justiça". A Presidência da República "não se envolve", enfatizou. Quanto à Reforma Agrária, Sarney mostrou inclusive o projeto que recebeu do ministro Nelson Ribeiro, com anotações, para esclarecer que "não houve mudanças no plano original. Ouve apenas modificações semânticas, como trocar o termo "terras devolutas" por "terras do Estado", etc. e adequação de termos jurídicos.

E o 13º salário para o servidor público? "Estamos estudando o assunto", disse. Quanto à sua participação nas eleições de 15 de novembro, Sarney reafirmou que não vai mesmo se envolver, apesar de existirem candidatos da sua simpatia pessoal. "Eu quero ser um ponto de união nacional", declarou, para explicar que, se tivesse um envolvimento na campanha, a Presidência da República não estaria exercendo um papel de magistrado. Seria um ponto de desagregação.

Os jornalistas que conversaram com Sarney saíram de seu gabinete com esta impressão: ele estava descontraindo, muito otimista com a situação econômica brasileira. E defendeu, de maneira muito enfática, o Plano Nacional de Reforma Agrária. A seguir, a íntegra da conversa do presidente Sarney com os juristas, que a partir de agora será rotina, todas as sextas-feiras.

P — Presidente, qual o balanço que o Sr. faria desses primeiros meses de governo, o governo da Nova República?

R — Eu acho que o período mais difícil nós já atravessamos, que era justamente o período da consolidação da transição democrática e do poder civil. Os indicadores que aí estão mostram que o País dá sinais muito otimistas da sua capacidade e potencialidade. Nós temos hoje a menor taxa de desemprego que já tivemos, a economia está crescendo e vamos terminar o ano com cerca de 6% de crescimento, a indústria cresceu também mais de 10%, nós temos hoje, na parte da inflação, controlada, quer dizer, se nós não pudermos apresentar índices de baixa acentuada da inflação, ela também não mostra índices de elevação que todos falavam, até indica certas tendências de baixa, e o País também com um grande desempenho no setor externo, na sua balança comercial superavitária, ocupa o espaço internacional que ele não tinha, que não é um espaço hegemônico mas sem renunciar àquela posição que o País tem historicamente e que vai ter, que é uma posição mundial. Nós não queremos mais ser passivos agentes de decisão tomada no exterior, nós queremos participar dessas decisões que nos afetam, e o balanço que eu posso fazer é um balanço de que nós estamos cumprindo com o nosso dever, e que o País está ajudando a que se cumpra esse dever.

P — O Sr. recebeu recentemente a visita do presidente François Mitterrand que adotou uma posição bem parecida com aquela pedida pelo Senhor para renegociação da dívida externa do Brasil e dos outros países em desenvolvimento. Até que ponto o Sr. acredita que essa posição do presidente Mitterrand vai influenciar as dos demais países desenvolvidos que são credores.

R — Eu acredito que é uma posição importante, mostra que as teses brasileiras de que a dívida tinha um aspecto político, e elas começaram a ter ressonância no mundo inteiro, e, se nós avaliarmos que dois terços da dívida externa brasileira está na Europa Ocidental, no Japão e em outros países, e apenas um terço dela concentrada



O presidente não pretende se engajar nas campanhas políticas

Presidente verá o AMX

O presidente José Sarney viajara terça-feira para São José dos Campos, onde assistirá à apresentação oficial do primeiro protótipo brasileiro do avião-cacatático AMX. E ao lançamento do selo Cinquentenário do Primeiro Voo do Avião Muniz M-7, no Centro Técnico Aeroespacial.

A chegada do presidente Sarney e sua comitiva a São José dos Campos está prevista para as 14h35. Depois das honras militares, o presidente e sua comitiva se deslocarão para a Embraer, onde assistirão à execução dos hinos nacionais italiano e brasileiro, uma vez que o avião é fabricado em con-

junto com a Itália. As 15h15, será feita a apresentação da aeronave AMX, o batismo do aparelho e haverá os cumprimentos aos cadetes e funcionários da Embraer.

Em seguida, está previsto no programa da viagem presidencial discursos do ministro da Defesa da Itália, Giovanni Spadolini — que está envolvido na crise política que culminou com a renúncia do primeiro-ministro Bettino Craxi — e do ministro da Aeronáutica do Brasil, Octávio Moreira Lima. Depois, o presidente Sarney receberá o modelo do AMX, lançará o selo Cinquentenário do Primeiro Voo do Avião Muniz M-7, e decolará para Brasília às 17h25.

nos Estados Unidos, essa posição do presidente Mitterrand é uma valiosa ajuda para uma solução do problema da dívida externa.

P — Presidente, como é que o Sr. pretende conciliar o crescimento de 5%, no mínimo, ao longo do ano, com a luta contra a inflação? Pelas leis de até alguns dias atrás isso era impossível.

R — É, mas justamente o que me submetem que fizesse quando assumisse a Presidência da República, era que nós adotássemos a forma da ortodoxia, a fórmula da recessão, crescimento zero, e ao mesmo tempo o achatamento salarial, e manter a velha e clássica política de que não resolveu os nossos problemas, que nos levou a uma crise social muito profunda. Nós estamos mostrando que é possível crescer, ter desenvolvimento econômico, sem realmente adotar o tipo de política que nos levasse a problemas sociais graves. Basta dizer que este ano os nossos trabalhadores tiveram ganhos reais acima de 10%, o mercado interno se desenvolveu, todos tiveram maior poder de compra o que está repercutindo na economia como um todo. Estou feliz pelos indicadores do setor econômico: mais de um milhão de novos empregos criados só

este ano, isso deixa claro que o País está retomando o desenvolvimento econômico. A inflação de 14% em agosto foi um acidente e não uma tendência. Vamos fechar este ano com um crescimento de talvez mais de 6%; os trabalhadores estiveram um crescimento real de salário de mais de 10% (dez); o balanço destes sete meses de governo é otimista, «o pior já passou, a previsão pessimista de o País chegar até a 600% de inflação não foi cumprida; cada vez mais controlamos a administração pública, reduzimos seus custos. O governo tem demonstrado sua face de seriedade, trabalhamos com simplicidade, austeridade, e sem arrogância. Há novas perspectivas. Existe um grande clima de liberdade: os cinco pontos do governo — liberdade, desenvolvimento, opção social, identidade cultural, e soberania e independência — estão sendo cumpridos.

Privatização
P — Como está o projeto de privatização das estatais?

Até o final do ano o grupo de trabalho do governo encarregado de examinar o assunto, até o final do ano irá apresentar idéias conclusivas — o importante é a simplificação da economia: facilitar mais a vida dos

empresários — principalmente o pequeno e o objetivo do meu governo é que o Estado tenha uma presença menor, mais discreta possível na economia para que o empresário tenha liberdade de ação. Quanto menor a presença do Estado maior a liberdade econômica no País.

P — E verdade que vão desvendar o caso Baumgarten para esquecer o caso Riocentro?

O assunto está entregue à justiça e o palácio do Planalto não interfere. E desejo nosso que a justiça apure tudo, não só sobre esse caso como qualquer outro. Que apure as responsabilidades e puna quem for responsável. É um assunto (Baumgarten) de justiça.

Sobre o noticiário de ontem — Cabo Couto — o presidente se mostrou surpreso com a pergunta de uma reporter, respondendo com uma outra indagação: "Quem é Cabo Couto?" Ponderou que mesmo que soubesse do assunto não iria repercutir um tema de polícia.

P — O Sr. não acha que a máquina administrativa está muito emperrada? Não estaria havendo uma certa demora, por parte dos demais órgãos do governo, no cumprimento das orientações emanadas do Palácio do Planalto?

R — A máquina burocrática está muito desarticulada. Hoje (ontem) mesmo estamos pedindo relatórios periódicos aos ministros, recomendando um controle rígido da administração pública.

P — E o projeto da Reforma Agrária, presidente, houve alteração? Parece que já houve muita mudança...

R — Considero meu plano altamente ambicioso, assentar um milhão e 400 mil famílias até o final do meu governo significa aumentar em 20% as propriedades agrárias. Isso é muito ambicioso. Sei que vou pagar muitas incompreensões por isso.

P — Mas tem muita gente reclamando...

Sarney — Estamos fazendo uma reforma agrária, não uma revolução agrária. Aliás quando se faz uma revolução é quando já estão esgotados todos os caminhos. Tem que ser uma reforma democrática, pacífica, que atenda realmente os interesses nacionais.

Essa reforma vai ter uma repercussão extraordinária sobre o setor primário da economia, vai aumentar extraordinariamente a nossa produção de alimentos.

Na reforma agrária, o que vai torná-la eficaz é que será feita juntamente com uma política agrícola, criando condições para o homem produzir, pois ele só com a terra não pode fazer nada. A irrigação será o grande fixador do homem na terra.

P — Presidente, como está a questão do 13º salário para o funcionalismo público?

R — Estamos estudando o assunto na área econômica. Não adianta darmos aumento e vantagens para o servidor público se isto cria reflexos negativos nos seus salários mais tarde. Aguardamos os estudos da área econômica.

P — O Sr. tem recebido muitas cartas, de todos os Estados brasileiros. Dentre elas, qual a que mais o sensibilizou?

R — Eu não saberia dizer qual delas, muitas têm me sensibilizado. Recebi cem cartas de crianças do México, depois da tragédia, que muito me sensibilizou, porque as crianças são sempre sinceras.

P — E as manifestações populares que o Sr. tem recebido, poderia destacar alguma delas, em especial?

R — Outro dia, uma criança chegou perto de mim e me disse: "Presidente, quero falar uma coisa para o Sr.". Eu respondi, pode dizer, E ela, " não, quero falar no ouvido do Sr.". E aí eu me abaixei um pouco e ela sussurrou-me no ouvido: "Presidente, proteja as baleias". Isso me sensibilizou muito. Neste mesmo dia, já de noite, ao chegar ao Palácio da Alvorada, minha mulher estava assistindo um programa da TV Globo, um documentário do Globo Repórter sobre a caça às baleias e eu, brincando, disse para a Marly: por favor, desligue esse negócio. Não quero nem ver esse assunto... (Risos). E contei para ela o episódio da criança.